

## **A RELAÇÃO ENTRE MEMÓRIA INDIVIDUAL E MEMÓRIA COLETIVA NAS PUBLICAÇÕES REFERENTES A COPA DO MUNDO NA FAN PAGE DO SITE MEMÓRIA GLOBO.<sup>1</sup>**

**Raíza Ribeiro Halfeld<sup>2</sup>**

**Resumo:** O ambiente virtual tem sido utilizado, por muitas organizações jornalísticas, como repositório de memórias. Falando, especificamente das redes sociais, observa-se que o *facebook* se tornou um grande agregador de memórias e narrativas. Seja para legitimar uma mensagem ou reforçar uma identidade, o fato é que a retomada de temas do passado é cada vez mais constante. Sendo assim, este artigo tem por objetivo investigar qual tipo de relação se estabelece entre memória individual e memória coletiva nas publicações referentes a Copa do Mundo, divulgadas no período de 14 de junho a 15 de julho, na fan page do site Memória Globo. Pretende-se verificar o teor das postagens produzidas pela emissora e dos comentários feitos pelos usuários. A pesquisa também irá abordar a relação entre história e mídia. Para este artigo será utilizada metodologia de Análise de Conteúdo de Bardin (2011).

**Palavras-chave:** memória; identidade; facebook; Copa do Mundo e Rede Globo.

### **1. Introdução**

O autor Huyssen (2014) já alertava que diante de um mundo caracterizado pela crescente instabilidade do tempo e pelo fraturamento do espaço vivido, a memória seria uma espécie de refúgio, objeto de disputa. Hoje é possível notar uma retomada a temas relacionados ao passado em todos os setores, seja econômico, social, político e cultural. A moda retrô, a restauração de centros antigos, a criação de monumentos históricos, a regravação de filmes, entre outras iniciativas ilustram bem tal realidade.

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado ao Eixo Temático 11: Arquivo e Memória Digital, do XI Simpósio Nacional da ABCiber.

<sup>2</sup> Mestranda do PPGCOM da UFJF na linha de Competência Midiática, Estética e Temporalidade. Integrante do grupo de pesquisa CNPq, “Narrativas Midiáticas e Dialogias”, sob a orientação da professora Cláudia Thomé.

No ambiente virtual, não é diferente. A memória passou a ficar mais disponível e catalogada. Nota-se, também, que a relação das pessoas com o passado se alterou. Isso pode ser observado, principalmente, nas redes sociais. Falando, especificamente do Facebook, percebe-se que os usuários “curtem”, “compartilham” e criam debates em torno de registros antigos, resgatando, muitas vezes, uma memória afetiva. São publicações de vídeos, fotos e textos que trazem marcas de proximidades com comunidades e grupos de interesse. Observa-se que a quantidade de informações sobre os indivíduos que acessam e fazem uso do Facebook é bastante extensa, possibilitando a criação de uma memória individual e coletiva .

Diante desse contexto, observa-se que as empresas de comunicação estão buscando estratégias de rememoração no ambiente on-line, justamente, para reforçar suas identidades, estabelecer laços com o público e se legitimarem frente a essa realidade fragmentada. Sendo assim, para entender como esse processo vem ocorrendo, este artigo propõe uma análise das publicações referentes a Copa do Mundo na fanpage do site “Memória Globo”, entre 14 de junho a 15 de julho, período em que ocorreu o campeonato deste ano. Pretende-se verificar de que maneira a emissora busca ressignificar a memória a partir dos conteúdos que eles próprios produzem e como o passado é utilizado como uma referência no presente. Além disso, pretende-se investigar como se dá a relação entre memória individual e memória coletiva no ambiente digital.

Para essa pesquisa será utilizada a metodologia de Análise de Conteúdo de Bardin (2011), que organiza o estudo em torno de três fases. A primeira fase, denominada pré-análise, consiste na etapa da organização. É onde ocorre o primeiro contato do pesquisador com os materiais que serão analisados. Nessa fase é feita a chamada “leitura flutuante”. Já a segunda fase, exploração do material, corresponde a escolha dos procedimentos de codificação, classificação e categorização dos dados já coletados. A terceira e última fase, denominada “tratamento dos resultados- a inferência e interpretação”, está relacionada aos resultados encontrados. Nessa etapa, cabe ao pesquisador tornar os resultados significativos e válidos.

## **2. Memória Individual e Memória Coletiva**

Estudar a problemática da memória não é tão simples quanto se imagina. Afinal, como nossas lembranças são formadas? De que forma recordamos de determinados

acontecimentos e esquecemos de outros? Pois bem, para compreender como se dá esse processo é preciso recorrer a alguns autores. Sobre a formação da memória individual e coletiva, nos apoiaremos na obra de Halbwachs (2006). De acordo com o autor para que uma pessoa se lembre de algo é necessário que ela tenha participado daquele acontecimento ou que tenha contato com outra pessoa que tenha vivenciado, de alguma forma, tal situação. É através do relato e do testemunho que a memória se perpetua na sociedade. Sendo assim, embora muitas vezes a memória pareça ser individual, ela está sempre relacionada a um grupo específico. Para o autor “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos” (HALBWACHS, 2006, p. 30).

A memória individual está enraizada em diferentes contextos e conta com a presença de diferentes participantes. Segundo o autor, as memórias individuais se constituem a partir dos “quadros sociais da memória” que funcionam como pontos de referências para a construção subjetiva das lembranças. São recortes que determinam o que deve ser lembrado, esquecido, silenciado ou comemorado. Pode-se dizer, então, que existe uma relação direta entre a memória individual e a memória coletiva, uma vez que não é possível que uma pessoa se recorde da história de um grupo com o qual as suas lembranças não se identificaram.

para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos, também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outra, para que as lembranças que nos faz recordar venha a ser constituída sobre uma base comum. (HALBWACHS, 2006, p. 39)

Para que esse processo de recordação aconteça é necessário que haja uma reconstrução no presente, uma vez que as visões que as pessoas possuem do passado são incompletas e parciais. Nesse sentido, a memória varia conforme aquilo que nos é apresentado e a partir das experiências adquiridas por cada um. De acordo com Halbwachs (2006), as lembranças que ganham destaque em primeiro plano são aquelas que foram vivenciadas por uma maior quantidade de pessoas.

A memória se modifica e se rearticula conforme a posição que ocupa. Muitas vezes ela é utilizada como um mecanismo de controle por grupos sociais que decidem o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido. No entanto, para que uma lembrança seja

reconhecida e reconstruída é necessário buscar marcas de proximidade com aquela comunidade na qual se deseja integrar. De acordo com Halbwachs (2006), a duração das lembranças está diretamente relacionada à duração dos quadros sociais da memória. Assim, para que eles se perpetuem, é necessário que haja uma manutenção, daí a importância do processo de rememoração.

A memória é, também, construída a partir do tipo de relação que se estabelece entre o presente e o passado. Pode-se dizer que ela é capaz de congelar o tempo por um instante, fornecendo recordações e permitindo que momentos sejam revividos de alguma forma. Cabe ressaltar que o tempo, no entanto, é uma construção social. O modo como ele é visto, é marcado por padrões e convenções coletivas que organizam a experiência na sociedade. Segundo Elias (1998) a ideia de tempo é adquirida pelo grupo social ao longo de um processo de aprendizagem que é passado de geração em geração. Sendo assim, uma suposta sociedade, que desconhece, a princípio, a noção de tempo, dificilmente seria capaz de produzir conceitos como seqüência, regularidade, continuidade etc.

Na verdade, a experiência do tempo como um fluxo uniforme e contínuo só se tornou possível através do desenvolvimento social de medição do tempo, pelo estabelecimento progressivo de uma grade relativamente bem integrada de reguladores temporais, como os relógios de movimento contínuo, a sucessão contínua dos calendários anuais e as eras que encadeiam os séculos (...). Quando faltam instrumentos, essa experiência do tempo também fica ausente. (ELIAS, 1998, p.36)

O mesmo ocorre com o espaço. Cada indivíduo, cada grupo se relaciona com ele de modo particular, buscando projetar sua própria imagem. Isso pode ser observado na construção de monumentos, de prédios históricos, de museus, entre outros. Pode-se dizer que a padronização do tempo e do espaço permite a formação de memórias que contribuem para a manutenção e coesão dos grupos, na medida em que ajudam a produzir o sentimento de identidade entre seus membros. Segundo Halbwachs (2006), por meio das memórias, os grupos conseguem fixar suas raízes, suas origens.

Para Pollak (1989) as memórias individuais e coletivas são constituídas a partir de três elementos, são eles: : acontecimentos, pessoas (ou personagens) e lugares. Os acontecimentos podem ser entendidos como os eventos dos quais uma pessoa pode ter participado diretamente ou não, isto é, que podem ter sido vivenciados “por tabela”, a partir

do pertencimento do indivíduo a um determinado grupo. Da mesma forma, os personagens que fazem parte das lembranças de alguém podem ter feito parte do seu círculo de convívio ou podem, apenas, terem tornado conhecidos devido a sua relevância como figuras públicas, por exemplo. O mesmo serve para os lugares que atuam como base para o desenvolvimento das memórias. eles podem ter sido, realmente, freqüentados durante certo tempo ou podem ter sido incorporados de modo indireto as experiências.

A formação das memórias envolve não só as experiências vividas diretamente, mas também, experiências herdadas, aprendidas e transmitidas pelos grupos através do processo de socialização. Vale dizer que, mesmo os acontecimentos, pessoas e lugares que compõem as experiências diretas dos indivíduos e grupos são alterados quando registrados na forma de lembranças, não correspondendo de modo totalmente fiel à realidade. De acordo com o autor, as memórias podem, ainda, envolver elementos que transcendem o espaço-tempo de duração de vida dos indivíduos e grupos, ou seja, elas podem se basear em fatos reais ou não. Muitas vezes, o processo de constituição das lembranças dá lugar a invenções, confusões, projeções e incoerências, envolvendo silêncios e esquecimentos, que se dão de modo consciente ou inconsciente.

Segundo Pollak (1989) a memória também pode ser motivo de disputas e conflitos entre os grupos. Quando um determinado grupo, por exemplo, eleva suas narrativas, suas lembranças ao plano hegemônico, há uma supressão de memórias de outros grupos, que passam a ocupar uma condição de marginalidade. É o que o autor chama de “memórias subterrâneas”. Por serem reprimidas, elas tendem a assumir um aspecto traumático. No entanto, se por um lado, elas se vêem relegadas ao silêncio e ameaçadas pelo esquecimento durante longos períodos, por outro, elas tendem a vir à tona com muita intensidade quando os ventos mudam de direção.

### **3. O *Facebook* como repositório de memórias**

De acordo com Motta (2013), a contação de histórias é algo enraizado na existência humana. Todos os povos, nações, culturas e civilizações se constituíram narrando.

As narrativas nos representam, são metáforas de nossas vidas, refletem nossa relação com o real e o irreal, estabelecem fronteiras entre o bem e o mal, o certo e o errado, instituem nossas sociedades, constituem nossas nações, nosso mundo (MOTTA, 2013, p.8).

Pierre Nora (1993) destaca que a memória é um fenômeno sempre atual, em permanente evolução “aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações” (NORA, 1993, p.9). Como já foi mencionado, de acordo com Halbwachs (2006) a memória de cada indivíduo é uma combinação das memórias dos diferentes grupos dos quais ele participa. Sendo assim, é a partir das experiências vividas e compartilhadas, dos relatos e diálogos estabelecidos, que são construídas as lembranças.

Esse processo de contar e recontar histórias pode ser feito de várias maneiras e é uma forma de exteriorizar a memória. Seja por meio de livros de ficção, de autobiografias, de entrevistas, de conversas informais e formas, de diários, entre outros, o fato é que o registro humano busca sempre lugares de memórias para se fixar.

Os ‘lugares de memória’ nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea. A externalização da memória faz com que seja necessário “criar arquivos, (...) manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, produzir atas, porque essas operações não são naturais” (Nora, 1993, p. 13).

Na era digital, observa-se que a internet, bem como os dispositivos eletrônicos têm contribuído para uma mudança acerca da construção social da memória . Novas formas de narrar e de construir versões sobre determinados fatos e acontecimentos têm surgido. As diversas possibilidades de produção de materiais têm permitido um registro, um compartilhamento e um armazenamento, muito maior, de informações. Palácios (2010) aponta para a mudança desse fluxo informacional na contemporaneidade ao dizer que “o mundo passou a fluir não apenas de modo continuado, mas também em forma multilinear e personalizável, nas muitas telas que compõem o nosso contemporâneo de mídias convergentes” (PALÁCIOS, 2010, p.43). Santaella (2007) reforça essa ideia ao dizer que o computador trouxe consigo uma linguagem híbrida, ou seja, um hibridismo sógnico e midiático próprio do ambiente on-line, que permitiu a integração de várias conteúdos.

Diferentemente da revolução Gutemberguiana, a hipermídia não incide apenas no modo como se produz e reproduz a escrita. Embora também envolva esse aspecto, a hipermídia vai muito além. Trata-se de uma nova maneira de produzir o texto escrito na sua fusão com outras linguagens, algo que transforma a escrita no seu âmago, colocando em questão a natureza mesmo da escritura e dos seus potenciais. (SANTAELLA, 2007, p.85)

Para Martín-Barbero (2008), as tecnologias abriu um leque de possibilidades de interação e, conseqüentemente, uma maior profusão de produção de conteúdos amadores. O processo de criação se tornou mais interessante a partir do momento que as pessoas conseguiram interagir com outras pessoas com interesses semelhantes, sem restrições geográficas e temporais. Nota-se que a comunicação passou a estabelecer um diálogo de nicho, para públicos específicos. Hiperconectados, os indivíduos são envolvidos por uma cultura participativa<sup>3</sup> (JENKINS, 2009) que torna cotidiana e banal a publicação de narrativas que são individuais, mas também coletivas na medida em que são compartilhadas.

É uma cultura em que seus membros creem que suas contribuições importam e desenvolvem determinado grau de conexão social com o outro, de modo que tem grande relevo aquilo que os demais pensam ou se supõe que pensam sobre o que cada um cria, por mais insignificante que seja (Santaella, 2013, p.45).

Como bem pontua Jenkins (2009), nesse mundo de convergências das mídias, toda história acaba sendo contada e toda marca acaba sendo vendida. Os lugares de memórias (NORA, 1993) na rede se multiplicaram, fazendo com que cada usuário se tornasse um potencial produtor de lembranças, de testemunhos. Essa memória que vem sendo produzida e disponibilizada na internet é caracterizada, principalmente, por se atualizar o tempo todo na medida que dialoga com outras experiências, outras realidades, outros textos, o que resulta em uma permanente construção de novas formas de sociabilidade.

Diante desse cenário, nota-se que muitas empresas de comunicação estão investindo no ambiente online para executar projetos de rememoração a fim de afirmar identidades, fortalecer vínculos e legitimar mensagens. Observa-se que o *Facebook*, em especial, se tornou um importante mecanismo de memória na atualidade, uma vez que permite o armazenamento e compartilhamento de fotos, vídeos, comentários e textos na “Linha do Tempo” dos perfis e páginas cadastradas. Além de proporcionar a execução dessas tarefas, ele ainda possibilita as famosas “curtidas” nas postagens.

A rede social<sup>4</sup> criada em 2004 por Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz e Chris

---

<sup>3</sup> Jenkins (2008) denominou de cultura participativa, um fenômeno que caracteriza a produção e distribuição de conteúdos, de modo colaborativo, para diferentes comunidades de interesse. Segundo o autor, o consumo se tornou um processo coletivo, e a convergência passou a ocorrer dentro dos cérebros de consumidores, em suas interações sociais com os outros.

<sup>4</sup> Recuero (2009) aponta que o site de rede social é um espaço utilizado para a expressão das redes sociais na internet, pois permite a visibilidade dessas redes e a manutenção dos laços sociais já existentes na vida offline.

Hughes, então alunos da Universidade de Harvard, tinha como principal objetivo se configurar como um espaço de relacionamento entre as pessoas. Porém, como o passar do tempo e com o crescimento expansivo, ela se tornou um grande arquivo de histórias. Com aproximadamente 2,3 bilhões<sup>5</sup> de usuários cadastrados, a plataforma busca oferecer, a cada dia, novos recursos de interação para tornar as experiências mais completas.

A quantidade de informações produzida pelos indivíduos e pelas empresas, que fazem parte dessa rede social, é bastante relevante. De acordo com Cunha (2013) as imagens e os registros das narrativas produzidas por essa grande massa, que falam sobre outras pessoas, sobre lugares, sobre produtos e sobre marcas ficam conectados virtualmente e assumem um caráter documental, contribuindo assim, para a formação de uma grande memória organizada virtualmente. Essa ideia é reforçada por Rendeiro (2011) que defende as redes sociais como locais de produção de subjetividades e memórias. Segundo a autora, os álbuns de fotografias digitais disponibilizados pelos usuário assemelham-se às antigas caixas de fotografias que simbolizavam a presença do afeto e das lembranças. Há um desejo de arquivar recordações de forma constante, ainda que as dinâmicas das redes sociais tornem estes relatos efêmeros, fragmentados e diluídos em meio ao intenso fluxo de circulação de conteúdos.

De acordo com Santaella (2013), as redes sociais, de uma forma geral, atuam como extensões das identidades de cada um de nós e constituem novas experiências de subjetivação. Cada usuário tem a possibilidade de produzir seus próprios conteúdos, acessar outros e interagir com um número máximo de pessoas. Cria-se a partir dessas vivências uma espécie de identidade digital.

Assim, atuando como uma extensão da memória humana, o Facebook permite a recuperação e disseminação de diversos dados, seja do passado ou do presente. Porém é preciso se atentar para o fato de que esse excesso de informação, disponibilizado na rede, pode contribuir para um esquecimento. Segundo Augé (2006), quando o conteúdo passa a ser mediatizado de forma maçante, as chances dele cair no esquecimento são enormes, pois diante de tantas possibilidades de acesso, ele acaba desaparecendo de forma repentina. Essa ideia também é reforçada por Rendeiro (2011):

---

Os atores sociais – pessoas, instituições, empresas, marcas e demais grupos – e as conexões – os laços sociais ou as interações estabelecidas nesse ambiente – são as duas dimensões que embasam o funcionamento desses sites (RECUERO, 2009).

<sup>5</sup> Dado referente à março de 2018 conforme o endereço

<https://oglobo.globo.com/economia/saiba-como-facebook-se-tornou-um-gigante-de-23-bilhoes-usuarios-22511806> .. Acesso em 10 de julho de 2018.

[...] essa permanente atualização da memória é parte do jogo da escrita nas redes sociais. Isso também evidencia o medo do esquecimento; tudo é constantemente atualizado, arquivado ou colecionado para ser exposto. Cada usuário cria o seu perfil, escolhe, adere ou cria as suas próprias comunidades, tece um nó colocando mais fios no sistema (RENDEIRO, 2011, p.260).

É importante destacar que muitas das memórias que são compartilhadas no Facebook possuem o caráter do imediatismo. Tudo é postado em tempo real. Cada atividade, cada ação, por mais banal que seja, se estende às redes e só adquire valor quando são midiaticizadas.

Essa memória do presente é uma memória efêmera e imediata, compartilhada em tempo real com amigos e familiares. Esta, que podemos chamar de memória compartilhada, seria uma espécie de memória imediata e ao mesmo tempo mediada pelo espaço virtual, o ciberespaço”. (HENRIQUES; DODEBEI, 2013, p.262)

Mas, além de disseminar essas memórias instantâneas, o Facebook tem possibilitado a recuperação e atualização de fatos do passado, não apenas de usuários, mas principalmente de organizações, que vêm rememorando acontecimentos históricos e construindo uma memória ressignificada.

O mais importante é o caráter multifacetado e coletivo da construção da memória, a retroalimentação permanente pelo abastecimento do novo e do passado que chega associado a formatos novos. O passado assume importância capital, como forma de confirmação do presente cada vez mais acelerado. Vivemos em plena reconfiguração do tempo presente, por intermédio de uma memória que nunca esteve tão viva e em permanente atualização (CUNHA, 2011, p.113,114).

De acordo com o Cunha (2011), no Facebook, os múltiplos espaços físicos, bem como as pessoas, desempenham uma função de cenário para que os momentos sejam narrados e compartilhados com os contatos das redes sociais da forma mais atraente possível. Há um comportamento nômade dos indivíduos que contribui para a formação da memória coletiva.

#### **4. A fanpage do site “Memória Globo”**

A fanpage “Memória Globo”<sup>6</sup> foi criada em 25 de abril de 2014 e busca divulgar e

---

<sup>6</sup> O Memória Globo é um projeto que conta a história de mais de 50 anos da Rede Globo. ele foi criado pela historiadora Sílvia Fiuza, em 1999. Além da fanpage, há um site contendo informações sobre os programas, as reportagens e tudo que já foi produzido pela emissora. Disponível em: [www.memoriaglobo.globo.com](http://www.memoriaglobo.globo.com).

compartilhar os conteúdos produzidos pelo site homônimo, que reúne um acervo de vídeos, fotos e textos sobre tudo o que já foi produzido pela Rede Globo em jornalismo, esporte e entretenimento.

Figura 1



Fonte: [www.facebook.com/memoriaglobo](http://www.facebook.com/memoriaglobo)

Atualmente, a fanpage<sup>7</sup> possui 143.381 curtidas e 145.988 seguidores. Para verificar como ocorre o processo de rememoração na plataforma, bem como se dá a relação entre memória individual e coletiva, optou-se por analisar um recorte temporal que compreende o período referente a Copa do Mundo de 2018, entre os dias 14 de junho e 15 de julho. Sendo assim, foram analisadas todas as postagens que continham a hashtag “#GLOBONACOPA”.

A princípio foi realizada uma leitura flutuante das publicações feitas na fanpage durante esse período. A partir do material coletado foi possível fazer o seguinte mapeamento das postagens.

Tabela 1

Data postagem	Postagem	Reações	compartilhamentos	Comentários	Teor dos comentários	Positivos	Negativos
14/06/18	Repostagem de publicação da fanpage “Rede Globo”.	16	0	1	Referente a cobertura da Globo	Positivo	X
17/06/18	Link para Webdocumentário, no	26	6	2	Com relação ao vídeo postado pela	X	Negativo

<sup>7</sup> Acessada dia 14/07/2018. Disponível em: [https://www.facebook.com/memoriaglobo/?hc\\_ref=AROOoSX2nFS125AN2p97ew2WButYUftxKXOlsGBvtWaXPh75eO0ICvFjsL85Egxxv0s](https://www.facebook.com/memoriaglobo/?hc_ref=AROOoSX2nFS125AN2p97ew2WButYUftxKXOlsGBvtWaXPh75eO0ICvFjsL85Egxxv0s)

	site “Memória Globo, sobre a copa de 2002 com Tino Marcos..				emissora que traz o Tino Marcos relembrando.		
21/06/18	Link para o site “Memória Globo” que apresenta a matéria original sobre as curiosidades e vitória da seleção brasileira na final de 1958.	23	2	1	Relacionados ao Futebol	X	Negativo
27/06/18	Link para Webdocumentário sobre o tetra com Galvão Bueno e Cezar Coelho no site Memória Globo.	191	51	11	Relacionados ao futebol	Positivo	Negativo
28/06/18	Link para o site “Memória Globo” que apresenta um capítulo da novela “O Clone” na íntegra, com participação do Pelé.	112	12	2	Relacionados a novela	Positivo	X
01/07/18	Link para um capítulo de “Malhação” de 2011, no site Memória Globo, que teve a	83	7	3	Relacionados ao futebol	Positivo	Negativo

	participação especial de , Neymar, Ganso e o goleiro Rafael.						
02/07/18	Link para o vídeo “Bota ponta, Telê” , no site Memória Globo, onde o “Zé da Galera” ligava para o técnico da seleção.	41	9	2	Relacionados ao programa.	Positivo	X
03/07/18	Link para o site que apresenta um especial sobre a “Copa do Mundo”	23	5	2	Relacionados ao futebol	Positivo	X
04/07/18	Link para o site que apresenta um especial sobre a “Copa do Mundo de 2002”.	105	216	10	Relacionados ao futebol	Positivo	X
05/07/18	Link para o site que apresenta um especial sobre a “Copa do Mundo de 2002”	76	17	7	Relacionados ao futebol	Positivo	X
06/07/18	Repostagem de uma foto da fanpage da “Rede Globo”, com link para especial sobre a “Copa do Mundo” no site	29	0	2		X	X

	Memória Globo						
11/07/18	Link para vídeo com matéria original sobre a final de copa de 1982.	14	5	3	Relacionados ao futebol	Positivo	Negativo
15/07/18	Link para especial sobre a “Copa do Mundo” no site Memória Globo	1	0	0	X	X	X

Com base no que foi coletado, foram elaboradas 4 categorias de análise para a observação sistemática do objeto em questão: Frequência de Postagens; Conteúdo das Postagens; Interações com outras Redes e com os Usuários; Frequência de Compartilhamentos, Comentários e “Reações”, e Manifestação da Memória.

#### 4.1 Frequência de Postagens

Durante o período de acompanhamento da fanpage, foram listadas 13 postagens referentes a Copa do Mundo. Porém, elas não seguiram uma ordem específica de publicação. Houve oscilações com relação a periodicidade, sendo que o início de julho foi o período que mais obteve postagens constantes, como pode ser verificado na tabela 1.

#### 4.2 Conteúdo das Postagens

Fazendo uma leitura geral da fanpage, nota-se que a maioria dos conteúdos veiculados por eles são relacionados ao entretenimento. Nas publicações analisadas durante a Copa do Mundo, não foi diferente. No dia 28/06 foi postado um link para o site “Memória Globo” que relembra um capítulo da novela “O Clone” na íntegra, com participação especial do ex-jogador Pelé. Já no dia 01/07 foi publicado um link, também para o site, para um capítulo de “Malhação” de 2011 que teve a participação especial dos então jogadores, Neymar, Ganso e Rafael. O dia 02/07 lembrou o programa humorístico “Bota ponta, Telê” onde o “Zé da

Galera”, vivido por Jô Soares, ligava para o técnico da seleção brasileira. As outras oito postagens relembravam transmissões e coberturas especiais feitas pela Rede Globo em outras copas. Eram as únicas que tinham um cunho mais jornalístico. É curioso perceber que mesmo se tratando de um evento no presente, todas essas postagens faziam referências a campeonatos e fatos do futebol relacionados ao passado.

#### 4.3 Interação com outras Redes e com o Público

Das 13 publicações analisadas 12 continham links que levavam o público para alguma sessão do site “Memória Globo”. Além disso, duas publicações foram compartilhadas de outra Fanpage da emissora, intitulada Rede Globo<sup>8</sup>. Com relação a interação com o público, foi possível perceber que não há nenhum tipo de interferência por parte dos profissionais que administram a página. Dos poucos comentários que existiam, nenhum deles receberam feedback. Tendo em vista que uma das dinâmicas das redes sociais direciona para o efeito conversacional na Rede (RECUERO, 2012), onde as conversações se potencializam através das “apropriações”, nota-se que isso é algo que precisa ser melhorado.

#### 4.4 Frequência de Compartilhamentos, Comentários e “Reações”.

Levando em consideração o porte que a emissora possui e o número de curtidas e seguidores na página, a interação é bem baixa. Das 13 publicações analisadas, apenas três apresentaram um alcance maior. A primeira, do dia 27/06, que trazia um link para um webdocumentário sobre o tetracampeonato mundial do Brasil em 1994 obteve 191 reações, 51 compartilhamentos e 11 comentários. Já a segunda, do dia 28/06, que fazia referência a um capítulo da novela “O Clone”, que teve participação especial do ex-jogador Pelé, obteve 112 reações, 12 compartilhamentos e 2 comentários. A terceira, do dia 04/07, que apresentava um link para um especial no site “Memória Globo” sobre a Copa do Mundo de 2002, obteve 105 reações, 216 compartilhamentos e 10 comentários. Como é possível notar, mesmo as publicações que foram destacadas aqui e que tiveram um alcance maior, receberam uma interação muito baixa por parte do público.

#### 4.5 A Manifestação da Memória Individual e Coletiva

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/RedeGlobo/>

As redes sociais se configuram como um importante espaço de registro do passado e de rememoração. Por meio, das próprias postagens, dos compartilhamentos e dos comentários é possível despertar uma memória afetiva relacionada a uma época específica. Sendo assim, para analisar como e de que forma a memória individual e a memória coletiva se manifestou nas publicações referentes a Copa do Mundo, optou-se por analisar as três postagens que mais tiveram alcance nesse período. A primeira, como já foi mencionada no tópico anterior, foi a do dia 27/06 que apresentava um link para um webdocumentário no site Memória Globo sobre o tetracampeonato com depoimentos do Galvão Bueno e do Arnaldo Cezar Coelho. Durante a análise foi possível perceber que a maioria dos depoimentos carregavam algum tipo de nostalgia com relação ao futebol da época. Um dos seguidores escreveu: “Esse treto foi emocionante! Fora a homenagem a Ayrton Senna”. Esse saudosismo pode ser verificado em outros comentários que vão recordando o passado e compartilhando da lembrança de uma época que é colocada em evidência. Como bem pontua Halbwachs (2006), os fatos e ideias que mais facilmente são recordados são do terreno comum. Essas lembranças existem para “todo o mundo” e, justamente, por ser possível se apoiar nas memórias dos outros é que é possível recordá-las a qualquer momento e em qualquer lugar.

A relação entre memória e tempo também pode ser percebida em um comentário de outra seguidora que escreveu: “Eu era criança não lembro disso, mas esse *Flashback* é muito bom pra se recordar. Vamos que vamos Brasil!”. Segundo Halbwachs (2006) a identificação de um contexto temporal que particulariza aquele acontecimento diante de muitos outros permite que ele seja lembrado por meio de vestígios que se destacam quando pensamos no momento em que ele ocorreu. Trata-se da localização temporal de um fato.

A segunda publicação que obteve mais reações foi do dia 28/06 e fazia referência a um capítulo da novela “O Clone” que teve a participação especial do ex-jogador de futebol Pelé. Foram 2 comentários positivos, relacionados a novela. Um dos seguidores comentou: “Dona Jura, saudades. Ela recebia até as pessoas ‘non gratas’ aqui. Traduzida em vários idiomas, ‘no es broma no’!!!”.

A terceira publicação que mais obteve reações foi a do dia 04/07 e apresentava um link para um especial sobre a Copa do Mundo de 2002 no site Memória Globo. Foram 10 comentários relacionados a seleção da época, também carregados de emoção, nostalgia e uma certa “revolta” com relação a seleção de hoje. Segundo Huyssen (2004), a vontade que temos no presente exerce um importante impacto sobre o que e como rememoramos. Um dos

seguidores, por exemplo comentou: “Quando o camisa 10 não dava chique, não tingia o cabelo”. Outros seguiram a mesma linha de comparações ao dizerem: “Quando o número 9 marcava gol”; “Até aí existia seleção” e “Rivaldo...o último grande camisa 10 que nós tivemos...”.

É nesse sentido que a maioria dos comentários conversa com os tempos anteriores. Sempre passando essa ideia de que eles eram melhores. Como bem coloca Ribeiro (2003), “o passado é, antes de tudo, uma forma de representar a alteridade. Sempre demarcado em função do tempo presente, refere-se a algo que passou, acabou, foi-se: algo que já não é” (RIBEIRO, 2003, p.92).

## **5. Considerações Finais**

As redes sociais desempenham um importante papel na construção das memórias coletivas e individuais. De acordo com Halbwachs (2006), as lembranças costumam vir à tona diante dos grupos. Ao realizar uma leitura geral sobre a fanpage “Memória Globo” é possível observar que a emissora tenta rememorar muito mais os conteúdos relacionados ao entretenimento. Talvez para evitar algum tipo de polêmica ou por querer construir, nas redes sociais, memórias relacionadas apenas aos programas e novelas por ela produzidos. Não se sabe quais são os critérios adotados na seleção dessas postagens, porém as coberturas jornalísticas não são os destaques da página.

Nas publicações analisadas, neste artigo, nota-se que mesmo se tratando de um evento no presente, a Rede Globo tenta ressignificar um passado glorioso do futebol brasileiro. Apesar da maioria dos comentários analisados não fazerem referência às coberturas jornalísticas, especificamente, percebe-se que a emissora tenta demonstrar, a partir dos conteúdos publicados, que sempre esteve presente em todas as Copas do Mundo e que sempre apoiou o futebol, inclusive em programas de entretenimento. Percebe-se aí, uma tentativa de construir uma “imagem de si mesma”.

O fato é que a fanpage “Memória Globo” se configura como mais um “lugar de memória” (Nora, 1984) da emissora. Talvez, ela ainda não consiga atingir uma quantidade de pessoas consideráveis, porém ela se mantém ali, fazendo as lembranças em um ambiente marcado pelo imediatismo e pela instantaneidade. Assim, ressignificando o passado, e

buscando a todo momento, marcas de proximidades com o público, a emissora constrói a sua própria imagem no presente, a partir da autorreferencialidade.

## 5. Referências Bibliográficas

- ALONSO, Sonia; VOLKENS, Andrea; GÓMEZ, Braulio. **Análise de conteúdo de textos políticos**. Un enfoque cuantitativo. Madrid: Colección Cuadernos Metodológicos, 2012.
- Bardin, L.(2011). **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70.
- BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa Com Texto, Imagem e Som: Um manual prático**. Petrópolis. Editora Vozes, 2003.
- CUNHA, Mágda Rodrigues da. **A Memória na era da reconexão e do esquecimento**. *Em Questão*, Porto Alegre. v. 17, n. 2, p.101-115, 2011.
- ELIAS, N. **Sobre o tempo** . Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- HENRIQUES, R.; DODEBEI, Vera. **A virtualização da memória no Facebook**. CES Revista, Juiz de Fora, v. 27, n.1, p. 257-273, dez/jan 2013.
- HUYSSSEN, Andreas. **“Resistência à Memória: os usos e abusos do esquecimento público”**. In BRAGANÇA: Anibal e Moreira, Sônia Virgínia (org). Comunicação, Acontecimento e Memória. São Paulo. Intercom. 2005.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.
- MARTÍN-BARBERO, J. **A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens**. In: BORELLI, s.; FREIRE FILHO, J. (org.). Culturas juvenis no século XXI. São Paulo: EDUC, 2008
- MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013. 2 Estudante de Jornalismo,
- POLLAK, Michael. **“Memória, Esquecimento, Silêncio”**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989. . “Memória e identidade social”. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.
- PALACIOS, Marcos (org.). **O que há de (realmente) novo no Jornalismo Online?** Conferência proferida por ocasião do concurso público para Professor Titular na FACOM/UFBA, Salvador, Bahia, em 21.09.1999. Trecho disponível em:  
<http://www.labcom.ubi.pt/files/agoranet/02/palacios-marcos-informacao-memoria.pdf>>.
- RENDEIRO, M. E. L. S. **Orkut e Facebook: as teias da memória em meio às redes sociais**. Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo. v. 47, n3, p.256-262, set/dez 2011.
- RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **“A mídia e o lugar da história”**. In.: HERSCHMANN, Micael, PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (org.). **Mídia, memória & celebridades**. Rio de Janeiro. Ed. E-Papers, 2003.
- SANTAELLA, L. **Intersubjetividade nas redes digitais: repercussões na educação**. In: A.PRIMO (org.), Interações em rede. Porto Alegre: Sulina, 2013.